



A
palavra
QUE

está



Antologia

IMERSÃO LITERÁRIA A PALAVRA QUE ESTÁ

Antologia Poética

Copyright © 2025 by **Ês AUTORES**

DIREÇÃO EDITORIAL | JÉSSICA IANCOSKI E MABELLY VENSON

EDIÇÃO E LEITURA CRÍTICA | LUCI COLLIN

COORDENAÇÃO EDITORIAL E PREPARAÇÃO | MABELLY VENSON

DESIGN DE CAPA E PROJETO GRÁFICO | JÉSSICA IANCOSKI

SUPORTE LOGÍSTICO | SABRINA IANCOSKI

SUPORTE INSTITUCIONAL | MARCELLE PONTES

Todos os direitos desta edição reservados à
ASSOCIAÇÃO TOMA AÍ UM POEMA

Avenida Paulista, 1636, Conj. 4, Pav. 15
01310-200 — São Paulo, SP — Brasil
www.taup.top
[instagram.com/tomaaiumpoema](https://www.instagram.com/tomaaiumpoema)

1ª edição, 1ª impressão
Publicado em 2 de fevereiro de 2026

Este projeto foi realizado através do Edital de Cultura Sesc RJ Pulsar, iniciativa do SESC RJ, que incentiva a produção artística e cultural em suas diversas manifestações, fortalecendo o acesso à literatura, à criação e à participação cultural.

REALIZAÇÃO



FICHA TÉCNICA SESC RJ

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO | FECOMÉRCIO RJ

ANTONIO FLORENCIO DE QUEIROZ JUNIOR

DIRETORA REGIONAL

REGINA PINHO

DIRETORA DE PROGRAMAS SOCIAIS

REGINA PINHO

DIRETOR ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

LUIZ ASSUMPTÃO PARANHOS VELLOSO JUNIOR

DIRETOR DE INFRAESTRUTURA E ENGENHARIA

FÁBIO SOARES

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

HEBER MOURA

GERÊNCIA DE CULTURA

CHRISTINE BRAGA (GERENTE)

FABIANA VILAR (COORDENADORA DE CULTURA)

MARILIA GORITO (ANALISTA DE LITERATURA)

MOISES NASCIMENTO (ANALISTA DE LITERATURA)

UNIDADE SESC COPACABANA

FÁBIO DA SILVA MACHADO (GERENTE)

FERNANDA DE CARVALHO FLORIANO (COORDENADORA TÉCNICA)

MARCELLE PONTES (ANALISTA DE CULTURA)



CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ELABORADA POR BIBLIOTECÁRIA JANAINA RAMOS – CRB-8/9166

I32

Imersão literária: a palavra que está: antologia poética / Organização de Mabelly Venson. – São Paulo: Toma Aí Um Poema, 2026.

Autores: Alan Pellegrino, Amauri Queiroz, Ana Dilah, Azlin Guerra Brisola, Bianca Reis, Coelho de Moraes, Cyro Eduardo, Daniela Cassinelli, Eduardo Castro, Cacos Malta, Ernane Catroli, Fred Dantas, Gabi Lopes, Jandeilsom Galvão Bezerra, Juliana Calafange, Kelly de Maria, Marianna Reis, Pablo Kaschner, Paulo Sérgio Kajal, Priscila Iglesias, Rafael Reis, Raine Furtado, Suzane Veiga, Val Santos, V. Hugo, Victor Rabello Ayres, Wilson Jequitibá, Cultive Foncha.

150 p.; 14 X 21 cm
ISBN 978-65-83841-69-8

1. Antologia. 2. Literatura brasileira. I. Venson, Mabelly (Organizadora). II. Título.

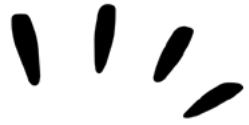
CDD 869.908

**PUBLICAR E
INAUGURAR
CAMINHOS**

SUMÁRIO

- A PALAVRA ESTÁ — E SEGUE • 10
- ALAN PELLEGRINO • 13
- AMAURI QUEIROZ • 19
- ANA DILAH • 27
- AZLIN GUERRA BRISOLA • 33
- BIANCA REIS • 39
- CACOS MALTA • 43
- COELHO DE MORAES • 49
- CYRO EDUARDO • 55
- DANIELA CASSINELLI • 59
- EDUARDO CASTRO • 63
- ERNANE CATROLI • 69
- FRED DANTAS • 73
- GABI LOPES • 77
- JANDEILSOM GALVÃO BEZERRA • 81





JULIANA CALAFANGE • 85

KELLY DE MARIA • 89

MARIANNA REIS • 93

PABLO KASCHNER • 99

PAULO SÉRGIO KAJAL • 105

PRISCILA IGLESIAS • 109

RAFAEL REIS • 115

RAINE FURTADO • 119

SUZANE VEIGA • 125

VAL SANTOS • 129

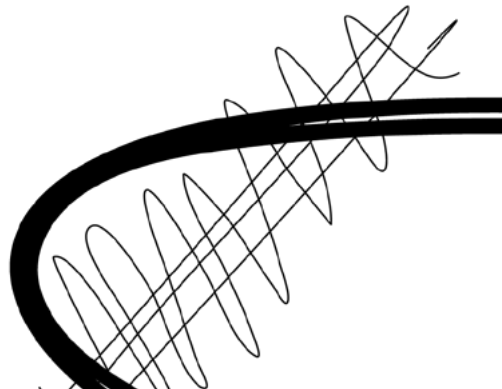
V. HUGO • 133

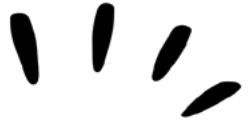
VICTOR RABELLO AYRES • 137

WILSON JEQUITIBÁ • 141

CULTIVE FONCHA • 145

AGRADECIMENTOS • 149





“A poesia pode não salvar o mundo,
mas salva o minuto”

MATILDE CAMPILHO

A PALAVRA ESTÁ — E SEGUE.

O que acontece quando várias pessoas partem da mesma palavra? Quantas formas cabem dentro de um tema? O que pode nascer quando a poesia se constrói no encontro?

Esta antologia é fruto da Imersão Literária *A Palavra Que Está*, realizada no SESC Copacabana, um espaço de criação coletiva em que a escrita poética foi vivida como experiência, escuta e atravessamento. A imersão foi capitaneada pelas poetas Luci Collin e Jéssica Iancoski, cujas conduções sensíveis e rigorosas criaram as condições para que a palavra pudesse emergir em suas múltiplas formas.

Os poemas reunidos aqui nasceram desse tempo compartilhado, em que a poesia não foi apenas exercitada, mas habitada. Ao longo das aulas, os poetas participantes foram convidados a escrever a partir de temas comuns, propostos como pontos de partida. A proposta era simples e, ao mesmo tempo, radical — começar do mesmo lugar e observar como cada voz seguiria seu próprio caminho. Por isso, você encontrará nesta antologia poemas com o mesmo título, escritos por poetas diferentes, revelando percursos, ritmos e sentidos singulares.

Porque uma casa nunca é apenas uma casa. Uma pedra não pesa igual em todos os corpos. E nenhuma cidade se oferece do mesmo modo a quem a atravessa.

Cada poema carrega a marca de quem escreve: sua história, seus afetos, suas urgências, sua maneira particular de estar no mundo. É essa diversidade de experiências que faz com que um mesmo tema gere poemas tão distintos — alguns contidos, outros em estado de

expansão; alguns silenciosos, outros urgentes. A imersão evidenciou que não existe escrita neutra: toda palavra nasce de um lugar.

Esta antologia também guarda o registro de um tempo específico. Parte dos encontros aconteceu em meio a um contexto de instabilidade, exigindo reinvenção, cuidado e presença. Ainda assim (ou justamente por isso) a poesia encontrou espaço para acontecer. Versos ocuparam o lugar do ruído e do medo, criando uma fresta por onde a vida pôde respirar.

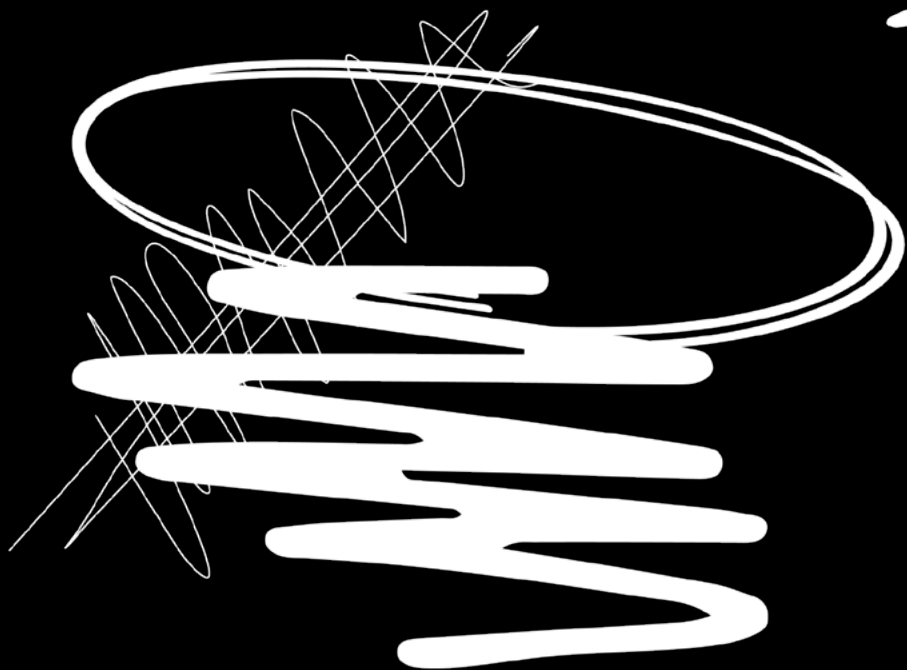
Ler este livro é acompanhar percursos paralelos que partiram do mesmo ponto. É perceber como a linguagem se transforma quando colocada em diálogo, quando compartilhada. Mais do que um conjunto de poemas, esta antologia é o vestígio de uma experiência: a prova de que, quando a palavra está, algo em nós também permanece.

Que esta antologia seja lida como aquilo que ela é: um território de escrita viva, coletiva e em movimento.

A palavra está — e segue.

MABELLY VENSON

Handwritten white characters, possibly '十' (ten), arranged in a grid-like pattern.





**ALAN
PELEGRINO**

DESENHO DE DEUS

Quando escrevo um poema,
sinto que tenho um pincel na mão.
É como se Deus me desse um bastão
[e me autorizasse a desenhar.

Sempre que escrevo um poema,
sinto que posso voar.
É como se Deus me desse asas
e me encoraja- se a saltar.

Só quando escrevo um poema,
sinto que estou em liberdade.
É como se Deus me desse as chaves
e dissesse para eu caminhar.

Toda vez que escrevo um poema,
posso voltar a ser menino.
É como se Deus me desse a argila
e permitisse eu me redesenhar.

Apenas quando escrevo um poema,
sinto que sou o criador.
É como se Deus acendesse com amor
[o brilho da lua que inspira o poeta.

A CASA

Meu poema é desconstruído,
parede sem chão.
Muro sem alvenaria
e sem fundação.

Gesto concreto,
palavra com sustentação.
Força do verbo encarnado
e da criação.

Chão que flutua no verso
e traz ilusão.

Porta e janelas abertas
pra inspiração.

Doce perfume das flores
sem exatidão.

Escada de incêndio
pra erguer a palavra do chão.

É pura imaginação
pra fazer flutuar.

Parede de cor encarnada
que inspira lutar.

É força da natureza
a nos despertar.

A casa feita de poema,
do verbo morar.

QUEM MASTIGOU AS ROSAS ENGOLE O CHORO

O estado estava armado,
Engatilhado
E apontado
Para a cara do sossego.

Deixou sem voz
Cento e vinte e uma mães
Do Rio de Janeiro.

O aparato militar para matar
Lava o morro de vermelho;
Matérias em jornais e capas de revista
Se espalhou no mundo inteiro.

O que já era complexo
Hoje nos deixa perplexos:
A mãe ter que subir o morro
Pra buscar o filho morto
Lá no alto do Complexo.

Paredão, alto escalão,
A polícia passa pano,
Mas o rubro tá no chão.

Diz que usou de inteligência
Pra entregar carnificina.

Se o filho não foge à luta,
É porque não têm opção.

Drone que lança granada,
Genocídio e opressão.

Põe tensão,
Morador
Quem mastigou as rosas engole o choro.

Serra da Misericórdia
Planta semente de discórdia.

Mães que choram pelo sangue dos seus filhos.
Olho por olho,
Dente por dente.

O homem irracional, policial,
Que mata gente.

Blindado,
Barricada,
Atolada,
A cabeça decepada.

E o morador quer proteção
Colhe negligência,
Violência e opressão
Da instituição.

Quem mastigou as rosas engole o choro.

Agonia medieval,
Cem homens de paraFAL.

Apostou no urso
E hoje vai dar zebra.
Árvores regadas com o sangue dos seus filhos

Não é mera coincidência:
Quem mastigou as rosas engole o choro.

Ruas tão silenciosas,
O vazio incomoda.

A cidade hoje parece ficção.

Carros em abandono,
Fios de alta tensão,
Cenas do apocalipse.

E quem perdeu seu filho
Engole o choro.



**AMAURI
QUEIROZ**



CHAMADA DE EGUN

Sentado na parte baixa do porto eu anjo torto embriagado de pôr de sol sinto o cheiro das carreiras de ondas com espumas brancas que se formam no mar e eriçam os pelos das minhas narinas

Cada vela que se vai é uma esperança que se apaga

Cada vela de chegada traz uma brisa de esperança

Sereias perdidas catando guimbas de vida dos santos nos altares catando guimbas meladas pelas infelicidades dos bares

Enquanto isso o amor passa arrastado e sufocado pelos banheiros dos lupanares onde vampiros tímidos sugam extasiados delicados absorventes de alta alvura

Sereias e Picassas em zonas de mil vidas naufragadas e desgraçadas se reproduzem submetidas ao hedonismo da fornicção celestial em cubos de cetim

A vida passa como um filme sem roteiro como a sinergia dos gritos espetaculares e dos sincericídios nos orgasmos em fruição lembrando que baratas malandreadas nunca atravessam galinheiros e amam a escuridão

Detonando o trapezista em cacos de improvisação, sem fortuna, sem dinheiro na tensão e no tesão pelos aplausos da indigníssima plateia de saco cheio e indiferente urrando: "mete o pé daqui Medeia!".

Boas novas nem pensar onde ser normal é se masturbar e viver com dores de amores que são trituradas por moinhos de paixões retidas pelo zíper que defende o grilo falante

Ah! Coração! Que abrasa e delicia meus caminhos!
Na barra do vento do entardecer! É tudo tão morto! Mas aqui no mausoléu tem silêncio e conforto

Estamos no tempo do tempo desta entidade estranha que não olha para trás e segue louco em sua sanha mirando sempre para o muro lá no fim do meu futuro encerrando no escuro minha estrada que não acaba em mim

Meus olhos cansados olham nas brumas da eternidade e observam um triste e desolado egun purgando ao relento lamentando sua castidade

Roto e pobre, o egun sem orum segue vendido como um goleiro após tomar um gol de placa, mas sendo consciente do seu ofício manda essa: “venha, já acabou! já é hora! já é tempo! se despeça do tormento da prisão do carbono! O trem das estrelas não espera!
Renasça para mim.

OLHAR DE FOLHETIM

DE NADA ADIANTA CHORAR O QUE PASSOU
O BRILHO DE OUTRORA O TEMPO LEVOU
SE PERDEU POR AÍ PELAS MADRUGADAS
VIELAS

ERROS FELIZES, CICATRIZES E OLHARES
DAS JANELAS
MARCAS DOÍDAS, MARCAS DA VIDA,
MARCAS DE AMAR
QUE O ROUGE TEIMA EM OCULTAR

MINHA CRUZADA EM SOLIDÃO ME LEVA
AOS BARES COM AFLIÇÃO
QUERO UM COPO AMIGO E UM CORPO AMIGO
UM TANGO ANTIGO E UMA DOSE
DE AMPARO COM UM BEIJO AMARO
FINGIR QUE POSSO AMAR NO ABANDONO DA VIDA

SIGO A SINA DA MULHER DE NINGUÉM
SOU MINHA, SOU SOZINHA, SEM DONO
SOU LIVRE NO PROPRIO ABANDONO
TRAGANDO HOMENS E CIGARROS
VERMUTES SECOS E BEIJOS GELADOS
HOMENS PUÍDOS, BEIJOS RASGADOS
DIGO SIM ÀS PROPOSTAS CARENTES
NÃO SEI PORQUE INSISTIR NO NÃO
SOMOS SERES ESTRANHOS,
CARENTES,
INDECENTES,
DIFERENTES

O ÁLCOOL ME INCENDEIA EM BRASA
E ME ENROSCO NO FOGO E NA DOR
DORES PRESENTES

PASSADO VADIO COM SUAS MARCAS
E FERIDAS DAS LUTAS DE CIO
FINJO PRAZER, SOU TEATRAL,
DIVIDO PÓ E PECADOS
NA DELÍCIA DO PRAZER MARGINAL
É TANTO REVÉS, SUBMUNDO E TORPOR,
É TANTA CARÊNCIA
QUE ATÉ PARECE AMOR

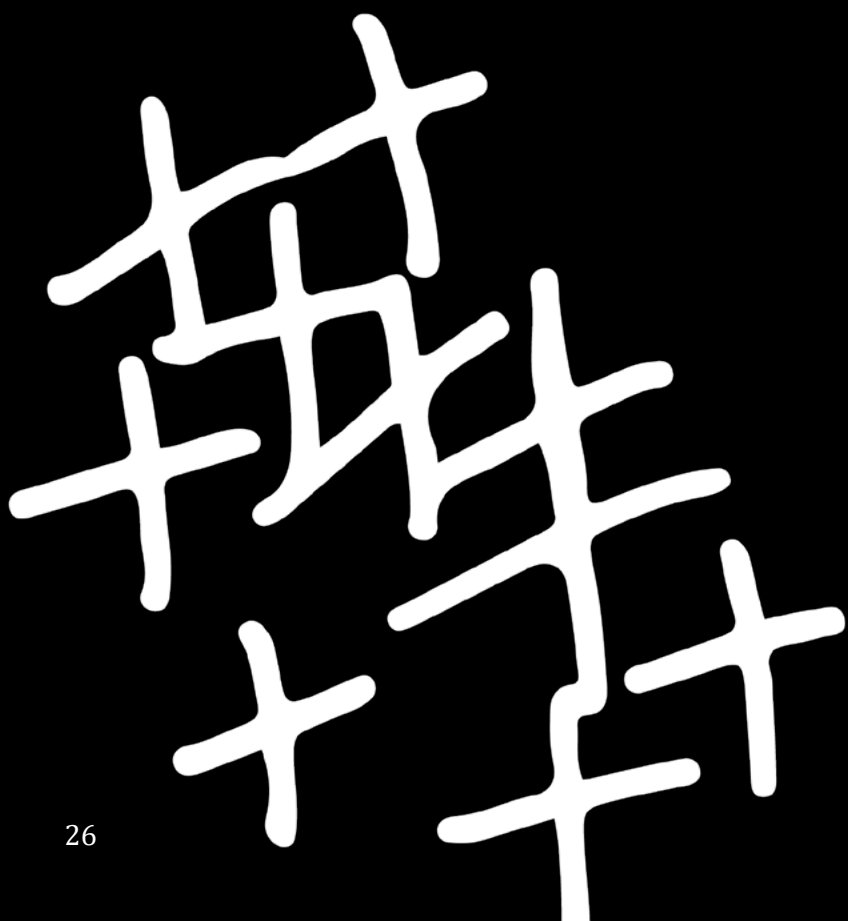
E QUANDO A AURORA ACORDA A CASA
SE ABRINDO RUBRA PARA O PALCO DO MUNDO
SURGE O NINHO DE AMOR ARREPENDIDO
CHEIRO DE DOR, DE ORGASMO BANDIDO
EM LÁGRIMAS FRIAS APAGO TEU CHEIRO,
CHEIRO DA FUMAÇA
DO TEU CIGARRO,
DAS TUAS MULHERES DA NOITE,
DA TUA BEBIDA RUIM
EU POBRE COLOMBINA EMBRIAGADA
VOCÊ PIERROT DE VIDA DOÍDA
SOU COMO A FÊNIX
QUE RESSURGIU DAS CINZAS
SUJA, DOLORIDA COMO UMA TRÓIA
CONQUISTADA E INCINERADA
DOMINADA POR UM RUDE E TOSCO
MENELAU COM SUA ESPADA PENETRANTE
MAS SOU FORTE, INVENCÍVEL, SOU MULHER
SOU A EVA
QUE CONDENOU OS HOMENS AO TRABALHO ÁRDUO
SOU A ALMA DO BAR,
SOU TEU BOTEQUIM, A FILHA DE CAIM
SOU O FALSO SORRISO QUE SEMPRE DIZ SIM
MAS MEU TRISTE AMIGO NUNCA ACREDITE
NA MINHA SUAVIDADE DE NINFA
NEM NO MEU OLHAR DE FOLHETIM.

DOSTOIEVSKI PASSEANDO NAS ESTRELAS

Silêncio e luto nas noites brancas de São Petersburgo. Fiódor Dostoiévsky deixa o mundo dos vivos. O corpo jaz hirto e solene na casa dos mortos onde crimes e castigos são perdoados e os demônios quedam exorcizados. A gente pobre, o idiota e o jogador choram observando o esquife que desce à tumba, quando a partir de então será uma triste memória do subsolo, marejando os olhos dos irmãos Karamazov. Os sons dos sinos enlutados das catedrais cobrem a triste cidade, com um lamento indescritível. Anunciam o fim da vida terrena do grande pensador e o início de sua passagem ao mundo espiritual. Fiódor enfim partiu livre e sem amarras na imensidão do universo. É quando acontece a emancipação do carbono, da casca de poeira de estrelas que limita a frágil matéria humana. Viaja extasiado por nebulosas, quasares, pulsares e aglomerados de galáxias. Em sua trajetória surgem berçários de estrelas dançando sobre a matéria escura, milhares de sóis iluminam sua jornada, coroando o sonho de um homem místico que considerava a morte uma história desagradável. Como um grande inquisidor pergunta onde estarão os anjos? A corte celestial? O paraíso onde celebra-se o reencontro com os ancestrais? Como não encontrar a verdade se a vida somente é suportável através da esperança que a morte é apenas uma ilusão. Sua nova forma é plasmática, sem densidade ou contornos definidos. A nova consciência ultrapassa as leis bárbaras e toscas do ínfimo conhecimento humano. Segue cruzando dimensões, mundos paralelos, misteriosos buracos negros com seus horizontes de eventos. Em sua fantástica viagem rejubila-se com a perspectiva de estar diante do Dono de todo esse poder. Aquele velho, pesado e doloroso mundo ficou para trás. Planeta Terra, território

de expiação e sofrimentos onde os humanos purgam suas dores existenciais e seus desejos inconfessáveis cobertos de fados e lamentos hostis. Na serenidade da liberdade mais pura, ouve os acordes que soam nos campanários do paraíso, onde o pensamento está livre das limitações da matéria, dos julgamentos, dos duplos comportamentos, das culpas e do cárcere punitivo do carbono. Flutua livre e suave nos infinitos recônditos do universo inimaginável. Viaja sob o troar dos Pilares da Criação, onde luzes rasgam as trevas imemorais dos novos mundos da gênese primordial. A maravilha da Criação segue gerando novos corpos celestes, estrelas de nêutron, gigantes vermelhas, sistemas binários, constelações e nuvens de gases que nascem do mais puro caos. Observa espantado a magnificência de todo o ordenamento universal, apesar da fúria e do caos parido na gélida escuridão. Onde estás agora nada é como imaginamos, pois a determinação é para que tudo permaneça vedado e guardado aos olhos humanos, permanecendo sempre no mais profundo dos mistérios. O sábio lugar onde repousam as palavras divinas, o amor transcendental, a morada dos deuses que alimenta a alma sensível dos poetas

Fique em paz na eterna luz das estrelas camarada Fíódor.





**ANA
DILAH**

IMERSA

seres estranhos, os poetas, espalhados pela cidade

curiosos infantes
desbravam memórias
descobrem a história

puxam o cobertor em dias de frio.

fez frio

veio da chuva meteórica em rota vertiginosa
fugi, me escondi subi
o 117

Bispo

poetas vivem dá escassez
às vezes
do amor muitos mútuos

morri

foram dias de escassez de sentimentos

os bons
não tem vez

MIX de centrífugaS sensações

não podia, não devia, tampouco queria
tão pouco tão pouco
mas sonhei poesia
mas? MAIS MAIS MAIS

sobrou foi poesia
poetas são colo casa caminho de abrigo
para tempos difíceis
sonham embalados por memórias

ontem fiz sete anos e minha mamãe não veio me cobrir

já tenho cobertor.
— QUER ?

NADA PASSOU, NEM PASSARINHO

quando criança brincava de Três Marias
vulgo pedrinhas

rogo
DEVOLVE-LHE A INFÂNCIA

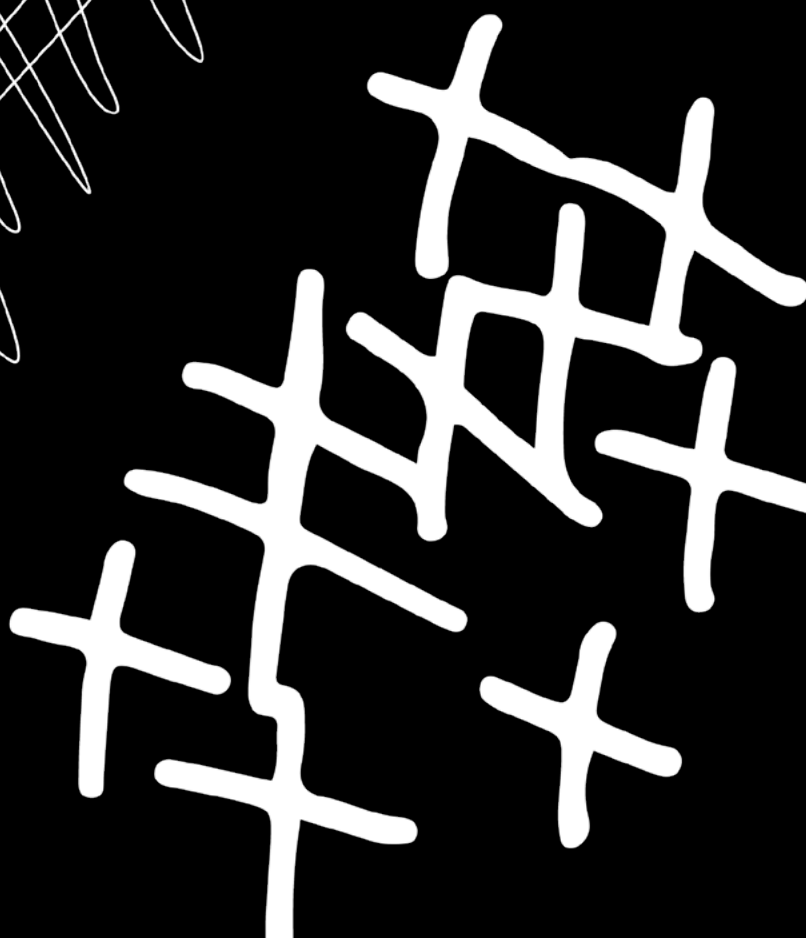
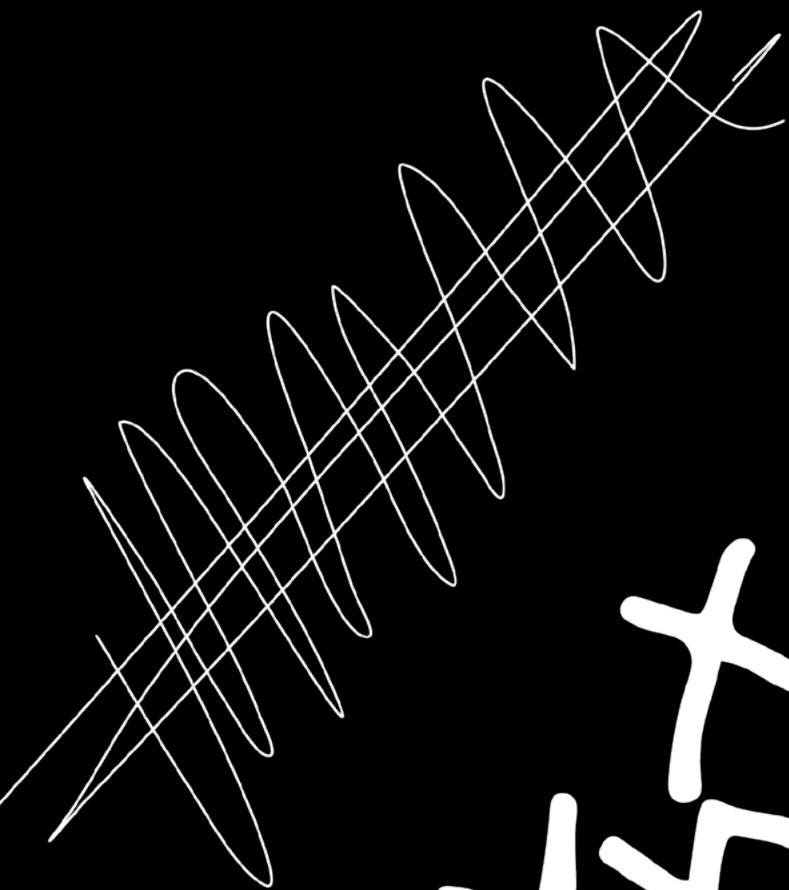
na terra batida, de pés descalços
brincava de amarelinha

não existiam os paralelepípedos lhe desenhando
mosaicos em mais de 50 tons de cinza

subindo lentamente pelas paredes

emparedado vivo
morre hoje um pouco todos os dias.







**AZLIN
GUERRA
BRISOLA**

*

Água que brilha na areia
Na beira do mar
Sol da manhã
Que clareia o
Meu caminhar
Branças as ondas
Que quebram
E ao Todo se integram
Eu sobre a pedra
Me sento
E me sinto poeta
Quero que o mar
Me ensine a cantar
Cantigas escritas a mão
Com o suor do sol
E o frescor da água fria
E louvar a praia
Templo de cura
E calmaria

*

Cidade maravilhosa
Demasiada mafiosa
Que impulsiona a guerra quente
E co-manda o vazamento vermelho
De sangue, medo, ganância e terror
Gerando na gente um certo torpor
Diante do horror

Rio de choro e chorume
Tem por costume festejar
A vida para contrabalançar a morte
Tal como um desfile de carnaval
Que tem num bicheiro, o aval
Que disfarça em alegoria real
A lei sempre além
Do bem e do mal

É nesta mesma cidade
Que escolhi viver
E que me acolheu
Com sua música, morros
E me abraça com a mata
e o oceano Atlânticos
Que ressoam tão quânticos
E onde aprendo que a Vida
É feita de guerra e paz
E no fundo vivo a inventar um faz de conta
Para dar conta de tanta contradição

*

Útero
Casa primordial
que irriga e alimenta
o ser semente
Com líquido e placenta

Corpo
Abrigo de órgãos,
Vísceras, líquidos
Emoções, pensamentos
O ser em botão

Caverna protege
o ser selvagem
Oca
Agrega o
Ser tribal

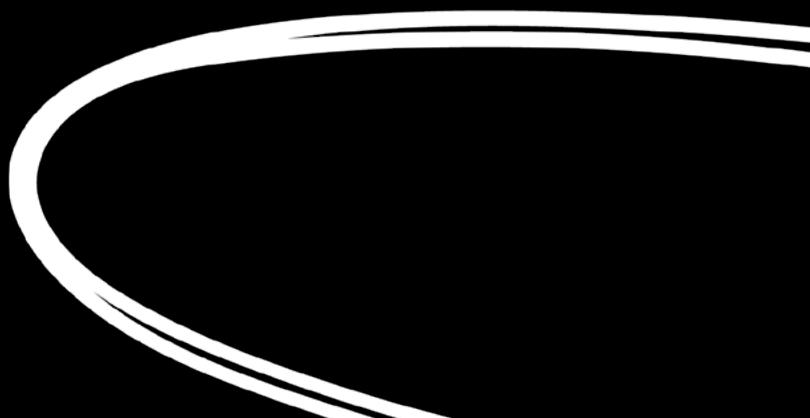
Casa grande
e senzala
Quando o ser
Se perde no ter

Casebre chopana
Cabana barraco
Favela mansão
Sobrado

Prédio
Edifício
Quando o ser
Se fragmenta
quer o céu
E perde o chão

Casa no campo
Casa de praia
Casa na árvore
Casa na cidade
Casa
Planeta
Terra

舞臺





**BIANCA
REIS**



GATITUDE

garras camufladas
olhar devocional
miau!

CIDADE MARAVILHOSA

meu Rio de Janeiro
e do ano inteiro
que o Cristo vela
do chão à favela

terra tão amada
mesmo castigada
vibra como o samba
anda em corda bamba

lugar com natureza
de pura beleza
abraçada pelo mar
mil montes a trilhar

palco do império
de charme sem mistério
já foi melhor cuidada
encara dura jornada

paraíso tropical
de triste abismo social
oscila entre a fama
e ver seu nome na lama

berço de várias tribos
recebe todos como bons amigos
inspiração de muita arte
deixa saudade em quem parte

ah, meu Rio, se eu pudesse
com a força de uma prece
limpar tudo que te escurece
deixando a paz que tanto merece...

E C O

E C O O

E C O O C

E C O O C E



BIANCA REIS
@poesia.lab



**CACOS
MALTA**

A GANÂNCIA E A NATUREZA

uma vez eu vi
uma tartaruga
marinha que
depois de um
longo dia
voltou e
deitou-se sobre seu grande
trono
de rochas e corais
e
bocejou
gostoso
satisfeita
depois disso
alguma coisa mudou
em mim

JOANA

o cabelo
diamante negro
os dentes tortos
na boca
entortada de prazer

seu jeans azul
cintura alta
você disse que era carioca
da casca
; disse duas vezes porque achou
que eu não tinha escutado

e tocou aquela música
que você sabia a letra
e eu também
e cantamos

era um filme em preto e branco
e ficamos presos...
presos no elevador
presos um no outro
você me aprisionou

e falava
e falava
e falava até durante o sono

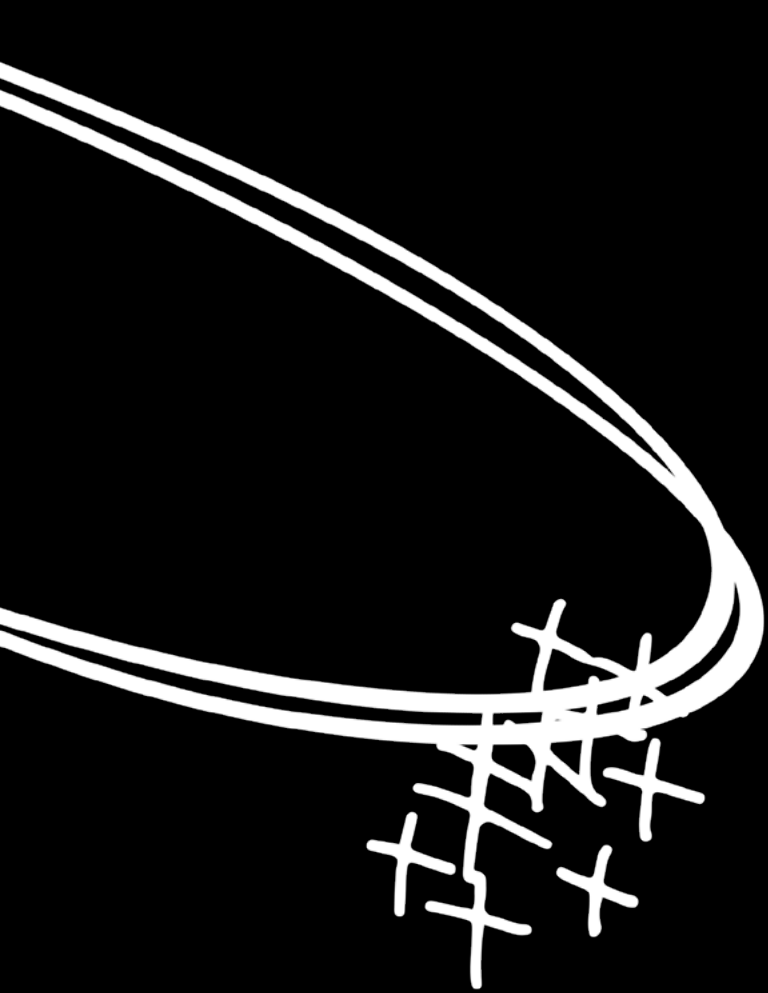
e o cabelo antes ia
até a cintura
agora só vai
até os ombros
onde foi parar
essa
parte de você?

seus olhos como vulcões
olhos de magma
olhos de cristo
e cristais
e como cristo
 debaixo da terra por 3 dias
você me puxou
de longe

de costas pra mim
de frente pra mim

o silêncio
o s i l ê n c i o
o s i l ê n c i o

e todas as suas
flores
mortas
no chão.





**COELHO
DE MORAES**



POESIA 23

Seguindo o mestre Drummond
lembramos o poeta da montaria não repetida
e tendo resvalado nas alturas dos setenta
passou horas ouvindo o canto do cisne...
cisne que era ele mesmo

Eis que prendeu-se o poeta nos seios da mulher..
Os bicos pulavam na boca do poeta
Saíram dali no formato de poemas e peras
nos deleitosos solavancos de um novo amor
A égua solta pela cama escoiceava o peito amado

Pobre poeta
A libido insaciada ganha vulto
Enreda-se no corpo feminino
A mulher destinada fica longe,
cruel, ri da procura do poeta
poeta desnorteadado
a mulher cobiçada sonha longe
Ela se diz desejosa e que arde na sombra
impede o poeta das práticas amorosas, libidinais,
frustrado poeta em anseios de gozo e o desejo voraz

Certamente ela ri e se afasta mais e mais,
relembra histórias antigas;
o sexo na teoria é masturbação literária
eclode em lembranças do primeiro dia no teatro
beijos e buscas na escuridão
escondidos num porão habitado por deuses
os animalanjos se procuram nas trevas
enquanto os amantes se beijam e copulam

e a musa vem nua de lingerie vermelha
urge o gozo

enquanto o poeta está de costas
- Será que ela foge?
Desaparece como borbulhas no ar?

A feiticeira do bardo dá lugar a mais abraços
desejos explosivos e a busca por uma carteira
onde confortavelmente abre as pernas,
mostra a caverna espumosa e recebe o falo
entre gemidos e bafios e hálito febril

Os gemidos se expandem e excitam
Dominam ares como brasas saborosas
repetidas dias além sob a cunilíngua intensa
onde o poeta se desdobra sobre a vulva ardente

Lilith Preta contorce e cita delícias e faz carícias
Lilith reage num êxtase multidourado de graças
Fragrâncias agridoce evolvem pelo palco
enquanto o ato sagrado dissolve a alma do casal
O palco é limite do universo fantástico
onde o coito se mistura aos sons de rua e de vozes
Durante a pequena morte Lilith pousa suas mãos
que dançam quadrilha com as mãos do poeta
e pousa suas pernas morenas
sobre as coxas do poeta
Conversam os dois como namorados que são

é a paz após a selvagem luta dos corpos amantes

depois, a mão do poeta se move mágica e afetuosa
ainda deseja o desejo e suaviza o toque
passeando sobre o clitóris da súcubo que deleita-se
sob a calcinha leve e tênue passa o dedo e a mão
depois adentra a mesma calça e toca o grelo
que parece pular e se mexer umidificado
o poeta se torna íncubo

procura o receptáculo oracular do ventre da musa
estimula excita pede morde-lhe o pescoço
e a mesma Lilith Preta puxa-o pela mão
para o camarim
onde se amam com ardor no escuro da saleta
É onde ela pede uma foda mais potente e forte

Num primeiro momento a vulva recebe
a língua do poeta
Em outro momento
o Lingam se lambuza da baba
o falo recebe a boca da musa que o lambuza de saliva...
gozam!

A Yoni inquieta e desejando agradar,
de quatro recebe o cetro possível do poeta que goza
numa foda escaldante e repetida
dentro do corpo tesudo da mulher intensa

difícilmente o poeta sairá com vida
após dominado por esta súcubo

TRÊS.
TRIÚNVIRO

Meruca é o mundo, os vidros e os sóis,
tudo o que brota do éter e vive.
Meruca é a voz da manhã
e cada voz de cada fruto maduro.

Nessa mulher respondem as sarças
orladas de negra madeira,
e seu nome é sumo viscoso, melífluo,
que refresca meu rubro amor.

Gentil Flor de mares e ventos
como os peixes prateados
que invocam as virtudes da água!

Rasga-me com teus lábios seivosos,
rabisca minha face com a amêndoa de teus olhos,
mas, conceda que em ti sossegue minha alma.

**NAU
TRIÚNVIRO**

Vaga a nau de distantes paragens submersas
sob nuvens densas abundantes
A nau vaga despreziosa timbra firme
Encanece o deque sob a neve das geleiras
Relembra das folhas verdes sem queixume
o longe que a nau coruscante vaga
sem vagas na quebra do gelo vaga sem pavio
nem curto ou longo mas gélidos uivos:
elementos dissonantes da brancura da nuvem
e das águas
Navega o navio nave desigual a nau vaga
com verve, com seiva duradoura noite e dia
Conclusas vocações distraídas nas bússolas
para emergir na glorificada imperfeição das
montanhas



**CYRO
EDUARDO**

CALCÁREO MÓRBIDO

Lápide exposta.
Implícito que me fui.
Célere existência.

Fui rocha,
Minério e essência,
Como a lápide.

Paralelepípedo bruto,
Após retífica,
Vértices abaulados.

Resisti às intempéries,
Com atrito e combustível,
Fagulhas inóspitas,
Incêndios catastróficos.

Resiliência tenaz,
Momento epifânico.
Gárgula cadente.

Ação demoníaca,
Corpo acéfalo,
Esvaio no féretro.

Fúnebre efeméride.
Epitáfio cósmico.
Metafísica filosófica.
Pá.Pó.

NÃO LEIAM

Amaram. Conceberam.
Concebido, nasci.
Nascido, nutriram.
Nutrido, cresci.
Crescido, vivi.
Vivido, morri.
Morto, nutri.
Nutrindo, conceberam.
Concebidos, pois sim.
Mais um ciclo de efemérides é iniciado.
Ou não.
Sem fim, talvez.
Quando? Tanto faz.
Hoje é o ontem do amanhã.
Fui.
Disse para não ler.
Não é um poema de mestre.
São só fragmentos.
Despretensiosos.
Da (in)existência material.

MANSÃO FRUGAL

Meu conjugado tem quintal.
Vista livre para o prédio vizinho.
A piscina é um balde plástico.
A rede é um sofá gasto.

Sou o proprietário,
mas o aluguel está atrasado.
Tirando barulho da avenida,
Bem silencioso.

Clima de montanha, durmo nu.
Molho a toalha e resfrio o corpo.
Minha casa é tudo o que tenho.
Eu mereço!



**DANIELA
CASSINELLI**

*

De que são feitas as casas
que moram dentro desta casa?

Casas de sonho
de bonecas
de areia
escorrendo
dia após dia
das arestas

Iluminada pelo breu do luto,
trançada de vulto e vácuo
Escada em espiral, bromélias
barcos naufragados cer
nos cantos dos quartos

O escritório do avô:
camas
livros
fatos revelados
em câmera lenta

O próprio avô, fantasma, passeia no espaço:
de quando em quando ajeita um quadro
As salas, os sofás, os santos
a louça azul chinesa –
camadas geológicas
impressas na madeira

(a família, ainda a mesma?)

Xícaras, bolos, rabanadas
Sobre as mesas, candelabros
velas acesas
taças de cristal

O som das musiquinhas do Natal
O seio costurado da avó
O silêncio aguado do pai
Os gestos justos da mãe
De que são feitas as casas
que gestam as gerações?

RIO DE JANEIRO, 28 DE OUTUBRO DE 2025

O coração dispara
o metal frio das balas
atravessando o corpo
de um poema impossível

As aveninas das palavras
paradas em silêncio apavorado
pólvora espalhada
num intrincado mapa
de espanto e míssil

Recolho as cinzas de
um poema que não foi
regresso à casa
no antes da palavra
adormeço no caos

Sonho com peixes
escorregadios
de puro susto e terror
o poema um fantasma
que me assombra pela manhã

UM POEMA SOBRE UM POEMA

à William Carlos Williams

Um poema sobre um cachorro
É um poema sobre um cachorro

E um poema sobre um poema
É um poema sobre um poema

Mas não só
Visto que late
silêncios ritmados

Abana o rabo
espantado
com sua própria nudez

Cheira o avesso do verso
Apalpa a palavra da vez

O inverso do verso
É sorver o universo?

Quem sabe, talvez?
Quem se importa?

Volta a lamber seus planetas
E deita-se no batente da porta.



**EDUARDO
CASTRO**



DUAS RODAS

Com capacete de antolhos
no meio dos carros,
dos ônibus.
No corredor
a acelerar.

Se apressa em chegar.
Pista,
túnel,
ladeira,
pista.
O trabalho lhe espera.

Um semáforo quebrado e
a rua esburacada,
brigaram com a marcha
e com a mola.
Elas diminuíram seu tom.

Da quinta pra primeira,
em plena quinta feira
pôde perceber:
que da rua do trabalho
podia ver o sol atardecer
e que precisava,
com urgência,
abastecer.

ESCRIVAÇÃO

Escrevo como respiro.

Às vezes,
sai num espirro;
noutras,
asfixio.

Outro dia
tive alergia na escrita.
As palavras
vieram aos montes e
me empolei.
Quando dei conta,
estava todo me coçando.

Pensando bem,
também tenho rinite da memória.
O tempo muda,
e se escrevo muito sobre o passado,
me ataco.

Com inspiros
e expiros,
combato.

Quanta poeira!

LÁ(R)

Morei numa suíte luxuosa.
Pra minha sorte,
não pagava aluguel.

Lá,
tinha tudo o que precisava.
All inclusive!
Comidas e bebidas,
à vontade,
todas que eu quisesse.

Quase como mágica,
eu criava um sabor
que gostaria de provar,
e lá estava.

Eu me exercitava também.
Cambalhotas de ginasta,
chutes de karatê,
jabs de boxe
e uns giros de capoeira.

Há quem diga que eu era bom nisso.

A temperatura era agradável,
quente e acolhedora.
A iluminação deixava a desejar,
tudo muito escuro.

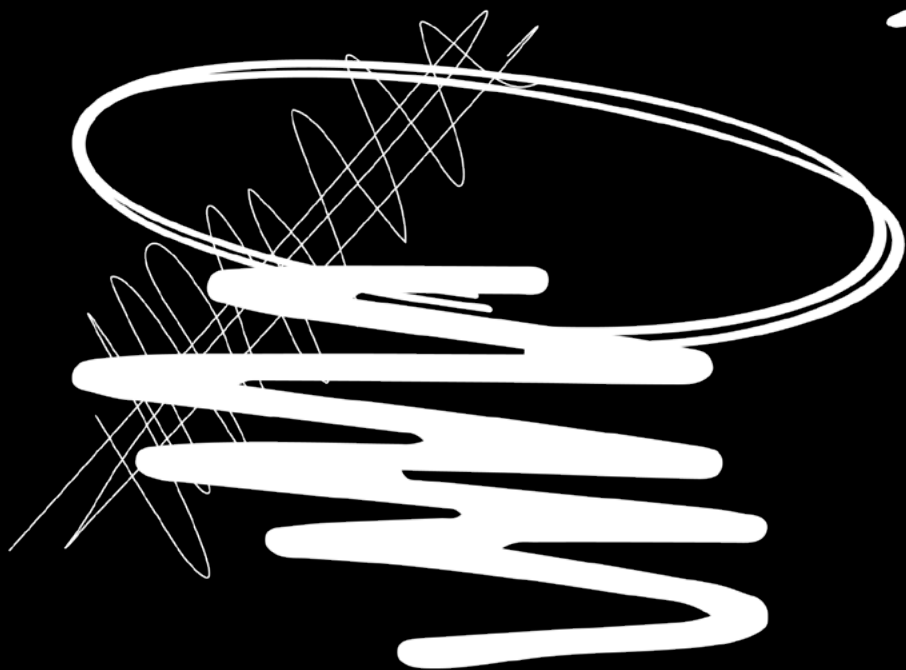
Inclusive,
penso em fazer uma avaliação,
talvez pra considerarem
meia-luz.

Pois minhas fotos,
daquela época,
lá,
são somente um borrão mexido
em preto e branco.

Mas na verdade,
eu não lembro de nada disso.

Só sei
porque minha mãe me contou
sobre como foi ser
meu primeiro lar.

Handwritten white characters, possibly '十' (ten), arranged in a grid-like pattern.





**ERNANE
CATROLI**

VÍNCULO

Esta aparição
estática
como numa foto
e um amor assim
na pressa
de prender-te
nessa concessão do
efêmero

A casa
com outro ar
e silêncio

É desse ângulo
que te vejo

MEMÓRIA 1

Tinha o jeito como colocava a mão no peito num momento de apreensão. Janeiro, 22. Aquele ano. E, íntimos da casa, algum verso, intervalada melodia. O halo puríssimo de uma sombra - Mãe: palavra que ressoa revolvendo ânsia de refúgio - que nem no sono se apazigua.

SEMEADURA

Silenciou

para atenuar um ardor

Antes

a tua voz redonda

num poema em ão

numa vida não imaginária

que não ignoro

Desde então

este resumo - vertiginoso -

reverbera

insiste

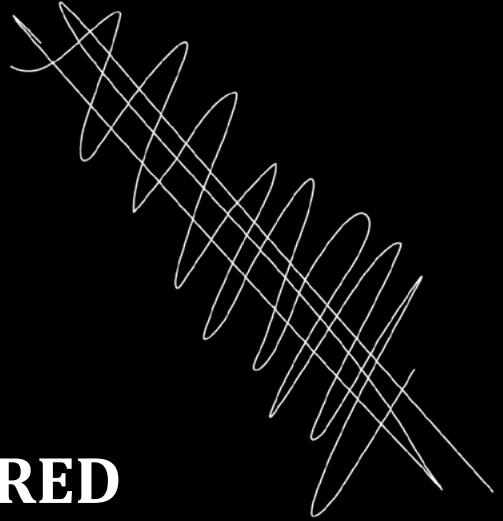
e nos consola - plenos

Amamo-nos

neste lugar

mais legítimo

onde tem palavras que não cabem.



**FRED
DANTAS**



COMIDA DE VÓ

Minha avó não cozinhava,
era burguesa,
tinha empregada.
Maria.

Maria, uma senhorinha preta,
de cabelos brancos,
afável e de sorriso frouxo.

Eu adorava a comida da Maria,
que não cozinhava pro próprio neto.
Não podia.
Que lembrança teria da comida dela?

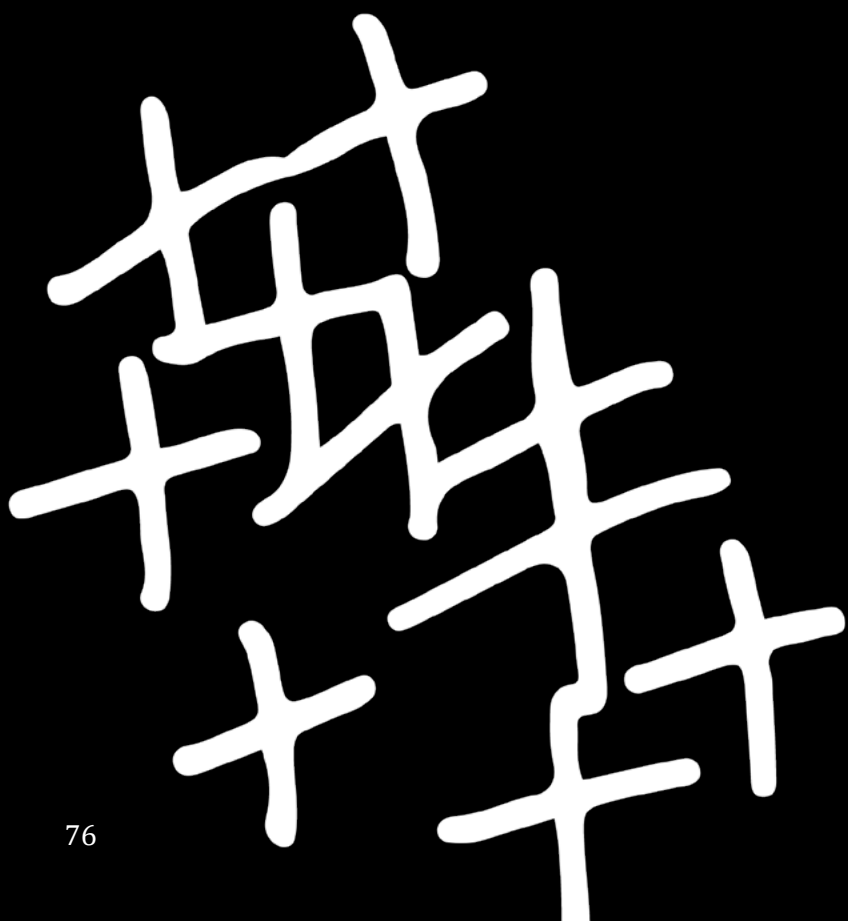
Involuntariamente lhe roubei a memória.

DESCONEXÃO

Da cidade,
tal qual
das [frias] relações
que a habitam,
quero

.
. .
.

distância.





**GABI
LOPES**

AS 19

casa

casa estrada casa

casa de sonhar de casa

casa 19 moradas que são uma morada casa

casa janelas para todas as minhas vidas janela casa

casa não busco mais endereço busco em mim centro casa

casa paredes são minha pele a flor da pele casa

casa carrega lágrimas risos carrega casa

casa de dentro de mim casa

casa casa

NAS ENTRELINHAS DA CIDADE

Choque choque choque
escuto o trem que se aproxima —
Estação Desespero.

Olhares-lanterna miram o vagão,
cotoveladas, gritos, empurrões.
Nota mental, pra ver se a palavra
amortece o impacto.

Choque choque choque
próxima parada: Estação Medo.
Os trilhos cortam a realidade,
a vida dispara em manada.
Escrevo o ruído, mas quem lê
ouve o mesmo som?

Choque choque choque
Estação Incerteza —
o silêncio é ensurdecador.
“Desembarque à direita!”
“Desembarque à esquerda!”
Tanto faz: não há direção.
Rabisco versos no vidro embaçado,
pra ver se a cidade me responde.

Choque choque choque
segue o trem ligeiro,
Estação Esperança.
Nunca morre,
e sempre tem cheiro de sangue.
Mesmo assim,
continuo escrevendo.

CAMINHO É FEITO DE PEDRA

PEDRA

SOBRE PEDRA

PEDRA SOBRE

PEDRA É PRINCÍPIO



**JANDEILSOM
GALVÃO
BEZERRA**

ENTREGADOR DE CAMÉLIAS

Pés marchando sobre o chão quente dos cascalhos,
nas noites frenéticas da existência,
Respirando o lodo da ignorância,
o frenesi das conversas sem remorso.

A pintura escamoteada da realidade,
na ausência dos bastidores do existir
A carne sem manifesto,
embalando em som murmurante o lanche
que já não é só uma voltinha nas ruas de casa.

A flor branca de alvura ainda luta
no copinho de água que vovô coloca aos pés da santa,
nas memórias de vovó na hora da janta,
nos sítios arqueológicos.

Resiste a flor nos novembros negros,
na ida e na volta do trabalhador.
Sem reparação, a favela cresce,
permeada pela injustiça histórica
Luta a flor na guerra climática.

METRÓPOLIS ASSASSINA

Rasguei meus versos em rascunhos
Com o coração acabrunhado
Cercado à ponta de fuzil
Rodeado de homens com colete
Ao som de tiros, balas e foguetes
Querendo silenciar minha rima
Que é tímida e solvente,
Declina a dor
Sem agudos ou falsetes
Enquanto a morte
Cala a vida para sempre.
As ruas sequestradas
Os becos tomados
Processo cria ativo
Quarteto maculado.
— Olha a bala!
— Perdeu! Perdeu!
— Vai tomar tiro!
— Fela da puta!
Os gritos de guerras,
As palavras de ódio,
Quem tem ouvidos que ouça
O poema assombrado
As crianças? Nada! Quem se importa?
Não tem psicóloga, é coisa de rico
Sem tenda de abrigo
Os mortos não se enterram sozinhos,
Mas a poesia é esculpida.

FAVELADO

Quando cheguei nessa terra
Desprovida de cuidados
Arranquei o lodo das pedras
Podei das árvores o galho
Capinei com as mãos o mato
Arejando todo o solo
Depositei os meus cuidados.

Adubando de esperança
Desviei com vala a lama
No terreno que era infértil
Fui construindo o meu postal
Nos primeiros grãos brotados
Um enigma social.

Entre as árvores minha casa
Integrada ao mei-ambiente
Começada como de taipa
Com minha mãos somente
Em alvenaria me fez contente
Quando da varanda eu avistava
A beleza da bahia difenrente.

O estado então entrou
Cobrando impostos
Negativando nomes
Derrubando nossas casas
Massacrando nossa gente
Sem trabalho ou assistência,
Me virei como pude
Me formei em resistência.



**JULIANA
CALAFANGE**



CRIANDO

precisava escrever um poema
e não sabia o que fazer
não achava tema
bom pra desenvolver
nenhum verso saía direito
mas eu não sou de ceder
então pensei não tem jeito
vai ter que escrever!
foi só aí que notei
que já estava rimando
(coisa que nunca imaginei)
estava até inventando
história ritmada
pensando e versando
de forma animada
como criança brincando
igual o pateta
segui digitando
dançando com o fogo e me achando poeta.

MÃE

hoje quero te dizer “gradidão”
pela vida pelo pão
pelo berço peito cafuné mamadeira
cama cortina amor e brincadeira
meu nome santo Maria Cristina
pela família – minha origem nordestina
pela renda de bilro o alfinin
o amor do vô Joaquim
o lombo da Burrinha e o colo do Papangu
nos carnavais de Barra do Cunhaú
pelas salinas montanhas de sal grosso
(e pelo vício de chupar sal grosso)
sal de pedra ou sal de mar
pelo muro pra pular a goiabeira pra gostar
e o mar – ah, o mar – pra aprender a nadar
por me ensinar o mistério da arte
e a levar um livro a qualquer parte
por gostar de ler e de reler e de contar e de escrever
pela mão, aberta ou fechada, que me ensinou a viver
pela parceria confiança
pela mútua fiança
pela paz que não houve mas ainda virá
e aquela viagem pra Itamaracá
os netos que não teremos
os filhos que não quisemos
os cachorros e gatos
ah, os gatos! muito obrigada por eles!
por me ensinar liberdade e lisura
a ser mulher, ser madura
(às vezes imatura também
sempre que convém)
pelo que viremos a ser
a saber e a saber ser
minha primeira casa, mãe
sempre foi e será você.

PEDRAS ou AUTO DE RESISTÊNCIA

é uma beira de calçada
um chão-abismo imundo
a cabeça entre as mãos
olhos no chão
mar que não cabe dentro
quer virar maremoto
mas não consegue
porque a dor
deixa tudo sem vontade
os sonhos se derramam pelo asfalto
que é escuro e brilhante
como um céu preto-estrelado
a luz azul e vermelha pisca
pisca, pisca, mas não consola
a bandeira da resistência
é uma camiseta de escola
manchada de sangue
– o meliante resistiu.

hoje só há pedra no lugar
do seio que já deu leite e flor
no limite do mundo
não cabe o amor
daqui para frente
a mulher seguirá vivendo
trabalhando dormindo e comendo
respirando
mas o olhar ainda estará fixo
nas estrelinhas do asfalto sujo.



**KELLY
DE MARIA**

CORPO-CIDADE

A cidade escorre em minhas veias
sangue que flui em linhas vermelhas
sangra a autoestrada
grava a dor na pele-avenida,
amarelada de medo.

Meu corpo-cidade em brasa
aldeia incendiada
pedaço de BRasil que queima
não cicatriza por nada,
só se esvai em fumaça.

O chão cinza da cidade
cimento duro de roer,
é osso, solo fraturado
só calcifica a dor.

CASA ANCESTRAL

Grande casa ancestral
orgânica e seminal,
joia rara crivada
no fértil ventre terral.

Chão de terra, teto natural
entrada sempre aberta,
onde tudo nasce, berra
um ciclo inicia, outro encerra.

Casa é útero quente
abriga, acolhe, conserva
moradia de brava gente
que cuida, zela por ela.

Estrutura viva,
bioconstrução tupi.
feita de muitas mãos
é Casa-coração.

Casa é proteção
nela mora a imensidão
a palha-manto cobre
e enfeita o doce torrão.

Na casa ancestral tudo se ajeita
Se estreita, se fortalece
no balanço da rede
se dorme, sonha,
e CRESCE.



**MARIANNA
REIS**



*

casa
espaço
de cuidar de
quem cuida do cuidado
sou eu, é ela, somos nós
é coisa é estado
é sentir como é
estar e pode ser
qualquer lugar

CIDADE NECESSIDADE

Movimento obtuso que não escolho
me invade

Disperso, enviesado, me encolho
quase negro

Melhor seria escolher
do que aceitar

Penso em ir
escolho ficar

Quando escolho
aceito

Cidade espelho

Olho por outro ângulo
e me vejo

Reinvento o sentido
vivo com vontade

Cidade coragem

PLANTAÇÃO DE INFINITO

E de repente
Uma semente
Imersão

Numa semana de dor
Medo
Indignação

Necessária adaptação
Reflexão
Conexão

Rostos vidrados nas telas
Poesia para que?
Salvação?

E então o encontro
E então o concreto

Força da onda
Que bate na concha
Foncha

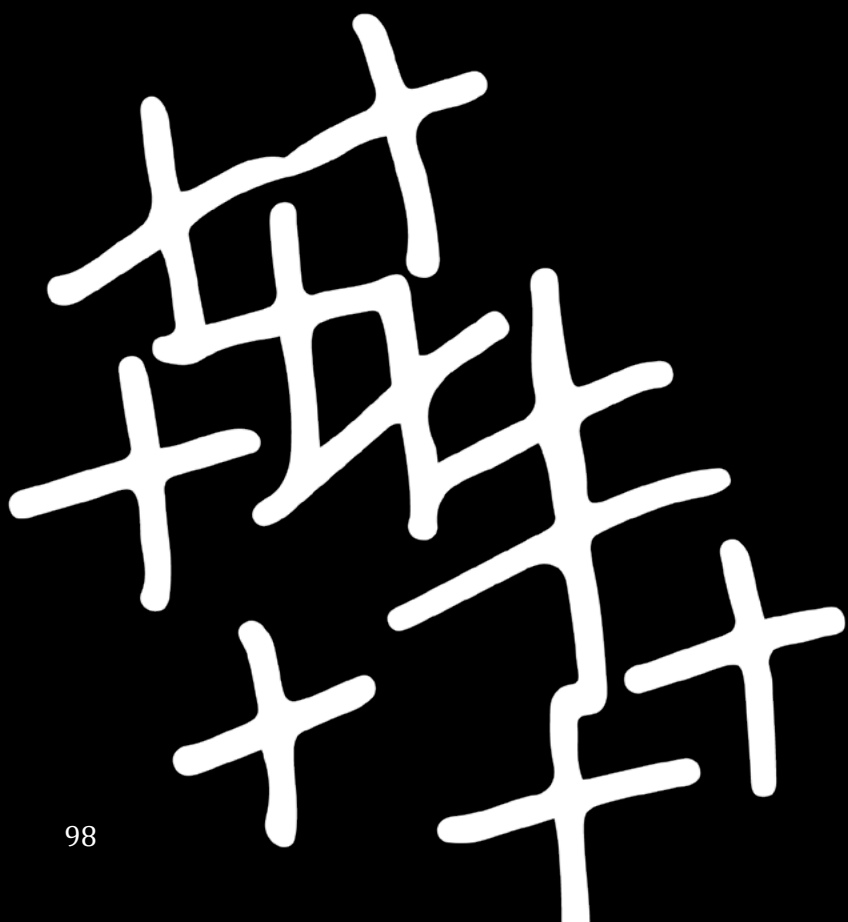
Apertar
Moldar
Reinventar

O que você vê?
Aqui o que há?

Coletivo
Culetive
Cultive

Intenção
Emoção
Invenção

Uma semente
E de repente
Imensidão





**PABLO
KASCHNER**

LINOTIPO

Palavra-barro –
quando escrita ou dita
inicia sua lida:
dar ao volátil
um palpável corpo,
massa que se apanha com mãos
de pensamento.

Palavra-pão
no forno da língua
em destrezas de artesão
fermenta e toma forma
semeia sentidos até sublimá-los
pela turva compreensão
– sentidos que nem fazem,
obliterados que foram da razão.

Tinta marcada em pele de papel
Tipografia, palavra-carimbo,
decalque do que será, e sempre
– ou do que já era, só
não tinha nome – ainda.
E nome não se dá: nome recebe.

Então,
na forma da palavra disforme
dá-se o milagre:
desenhos de retas e curvas
a que damos o nome letra
se juntam
– nunca em vão, não sem vãos –
e produzem significado.

Não abandonam, no entanto,
sua gênese – a incompletude,
todo o mistério: seu encanto.

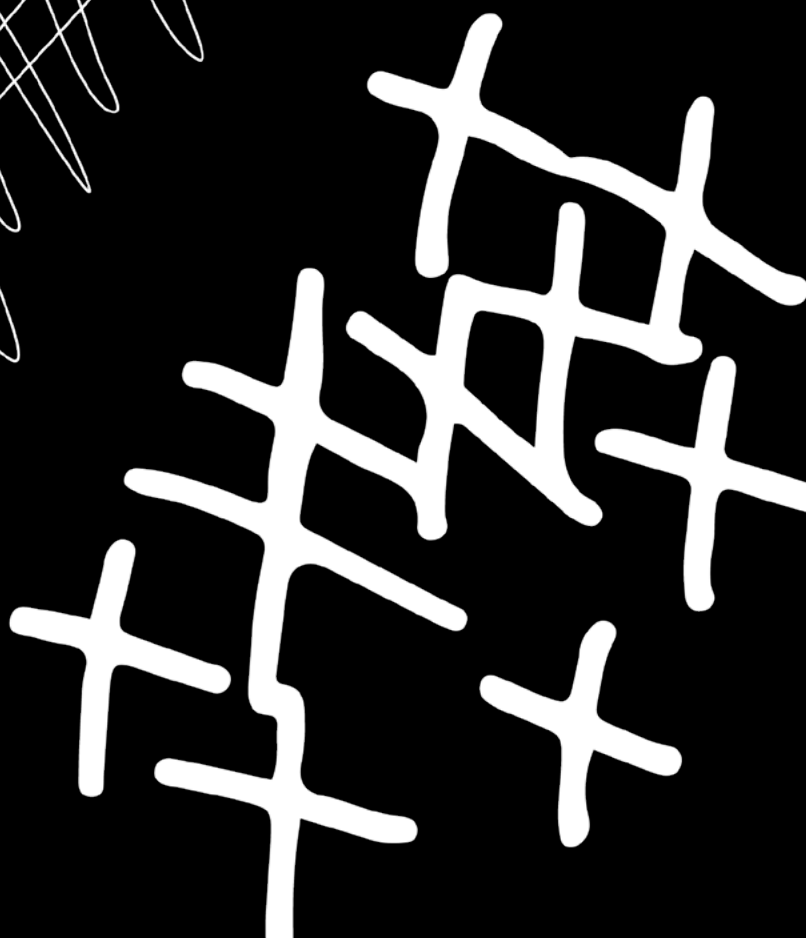
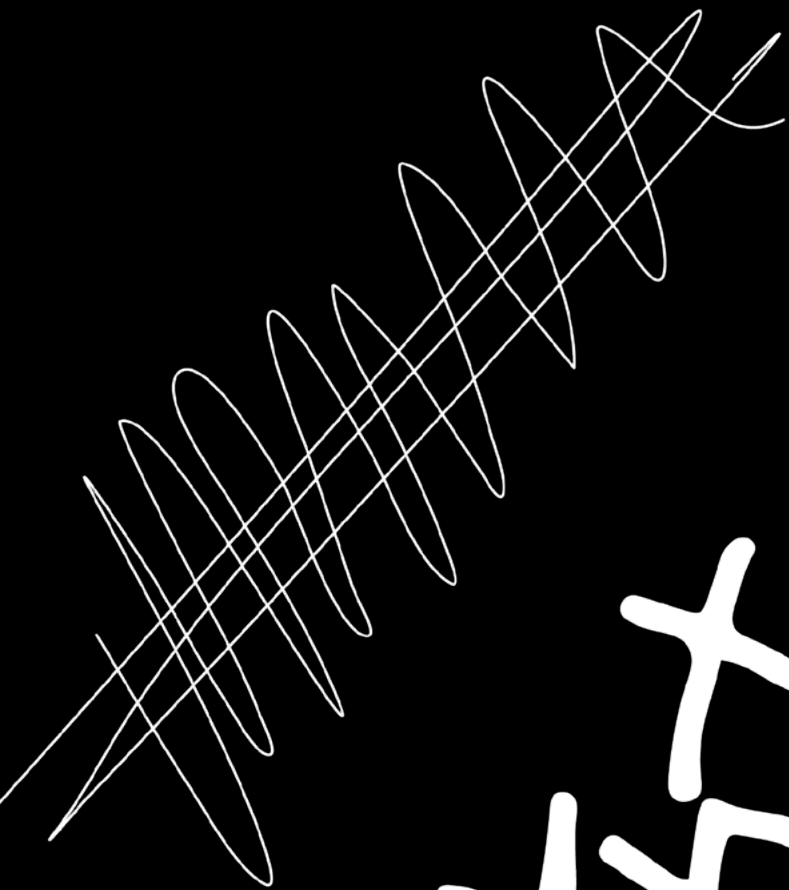
PELA ORDEM

quando tudo na vida
o melhor a fazer
parece embolado
é deixar de lado e espairecer

às vezes devagar também é pressa.
pode ser o que mais interessa:
dar um passo atrás
tem vezes que

MIRE E VEJA

o maior risco
de se ler em movimento
é descolar a retina
dizem
o que não dizem:
o maior risco
de se ter em movimento
é deslocar a retina.





**PAULO
SÉRGIO
KAJAL**

AS CIDADES E AS SOMBRAS (Parte I)

Os olhos da cidade te espreitam
Toda cidade é uma sombra de si mesma
Bosques, ciladas, cruzamentos, becos
Em cada esquina as cidades se parecem
No refúgio das sombras
No gosto de sangue
E no cheiro de sexo
Segue o rio de asfalto o veneno da cidade
Da serpente a tocaia da fera
Todo covil o holograma de um beco
Todo beco é uma boca
que te fela
a seco

todo beco
é uma
boca
que te fela
a seco

AS CIDADES E AS SOMBRAS (PARTE II)

Há andarilhos que buscam
a luz das cidades
Eu não.
Busco os dois lados da moeda
de preferência
o sombrio
a umidade das relvas das praças
a nudez das névoas
as folhas secas que
encobrem os perigos
o não-dito
o bendito inesperado
o insólito o degenerado
o uivo dos lobos
a luminosidade cínica da lua
o encontro dos vampiros
a vela acesa
o encontro do amor
e da vala
o carinho no escuro
o afeto dos desesperados
Na cidade o amor
é um objeto voador
ainda não identificado
Para os que não me compreendem
é nas sombras que encontro
a possibilidade de ver Deus
e me entregar

AS CIDADES E AS SOMBRAS (PARTE III)

um novo velho Chaplin
caminha pelo viaduto
que triste cai
 em direção ao horizonte
de um antigo e novo
fim do mundo
o fim do viaduto
é o fim do fim
 do fim arco íris
lá há um pote de vidro
moeda de 25 centavos
pedra de diamante
pedra de crack
numa bolsa de desvalores
debaixo do arco íris
os corpos se misturam
 as almas se transmutam
latas vazias, níqueis
restos de desodorante
o arco viaduto segue a direção do mundo
feixes de luz
íris de sombras
um novo Tirésias de olhos abertos
encara a grande serpente
que suspende o mundo
 em si



**PRISCILA
IGLESIAS**



IMPROVISO

Eis que uma nota controversa
atravessou os compassos
e a orquestra parou.

Mas não tive alternativa
senão seguir firme em meu solo
e tocar sobre o amor.

Tocar em desafino
como se eu pudesse
amar você amando o seu amor.

Tocar em sol maior,
amar em dó menor,
com pausas e sem fervor.

Tocar de improviso
e, entre um bemol e um sustenido,
amar o riso e a dor.

Tocar, por fim, com devoção
como quando se ama uma música
de outro compositor.

INSOLÚVEL

Uma lágrima entornou
feito um copo d'água
sobre o poema
que eu rascunhava.

A caneta derrapou
na superfície molhada.
Meus sentidos, em refração,
embaixo d'água.

Socorro, Adélia
ainda são quatro da madrugada
e eu já aqui, no meu peito,
com essa faca.

Uma lágrima desabou
feito chuva ácida
sobre as mudas de sonhos
que eu adubava.

Restei eu, em pó
e misturada
sem solução, neste poema,
embaixo d'água.

A NATUREZA DA ÁGUA

Eu vim, eu sei.

Rasguei o chão
Criando caminhos
Preenchi cada vão
comigo.

Cresci, inflei
Ganhei força
E arrastei o chão
comigo.

Quis ficar
Fundir-me às raízes
Transmutar o desejo
em permanente revolução.

Desaguar, porém
não era destino
E, no ritmo do ciclo,
me dissipei.

Perdão, coração,
minguei...
Saiba, secar
é a dor maior de um rio.

Etérea, agora,
e invisível
existo sem caber
em nenhuma medida.

Nutro o tempo
com o sonho possível
de me transformar
para re-inaugurar a vida.



**RAFAEL
REIS**

PEDRA DO SER

Caí em mim

Solidez

Retidão, chão frio que decide

Superfície tesa, fria

Minha rocha interna

Meu medo consolidado

Hei eu de tirar água

Hei eu de achar leite

Toda matéria é, no fundo, integrada

Caí em mim

Solidez

Retidão, chão frio pedregoso

SOBRE O ESPAÇO CINZA

Na urbe, conurbe
Comute a Si
Encontre luz nos quadrados
Nos concretos, nos farpados
Faça sinapse
Cimente o céu
Na urbe, conurbe
Encontre-se e reflita
Diga a si na estrada
Que luz é essa?
Onde verdadeiramente EU estou?



**RAINE
FURTADO**



CIDADE DO RIO

Rio de Janeiro
O que te move é o dinheiro
E, sobre o morro, vários dormem

Cidade inconteste
Redentor que não se mexe
Olhando pelos que sofrem

Cidade com dor
Preso em seu resplendor
Com seus braços que não se movem

Cidade a chorar
Cristo em frente a yemanjá
E, em ladeiras, seus filhos sobem

Cidade a ruir
Se eles pudessem agir
Mas, eles, nem se socorrem

Cidade medonha
O seu povo ainda sonha
Com deuses que se comovem

Cidade mudança
Deuses não trazem esperança
Nossas mãos são que os movem

Cidade de fé
Tu és tão regada de axé
Talvez, por ti, todos melhorem

Cidade a mudar
Como ondas, balançar
Dos ancestrais que nos promovem

Cidade de graças
Inquietos como as águas
De pingo em pingo, todos chovem

Cidade a orar
Se deuses pudessem gritar
Clamavam: Que se revoltem!

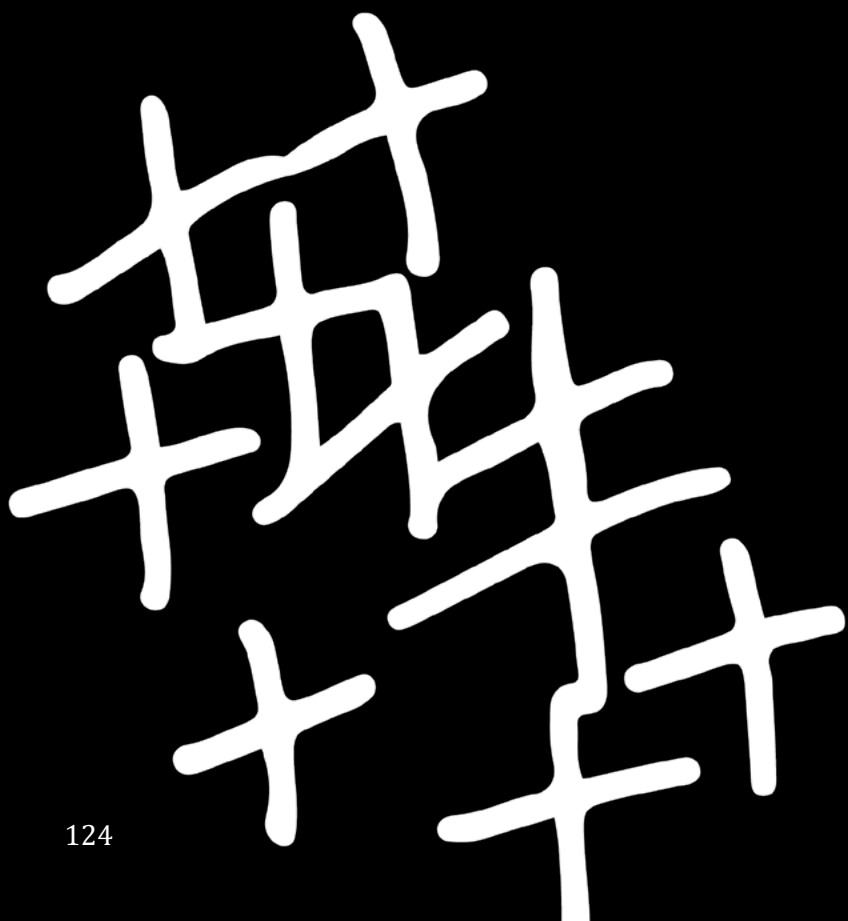
Cidade do Rio
Seja exemplo p'ro Brasil
E lute pelos que morrem

CASA

Ah, casa!
Entre paredes, pintadas ou não
Janelas, telhados, pés de porta, rodapés
Pet, família, sofás de cochilo
Às vezes tem grilo, mas, quase sempre tem graça
Roupa confortável, chinelo no pé
A casa é o lugar onde a gente vive tranquilo
E quem mora em uma casa sabe bem como é
Dizem até, que quem casa quer casa
Mas, eu me casei sem nada daquilo
Cama, cerimônia, bolo ou condição
Nossa vida começou com um pouco de café
Por que me preocupar com casa, se você é quem eu sempre quis?
Tudo seu, meu paraíso, todo seu, meu coração
Seu chapéu é meu telhado e sempre me faz feliz
Seu amor é minha casa, seu abraço, meu sonhar
Se eu estiver com seu sorriso, tenha certeza, minha miss
Qualquer lugar é o meu lar

CAMINHO

O escutador escuta aquele burburinho
Se eu tenho boca e falo, sou eu falador
E o muximba chora, palpita em chorinho
Suncê não sabe perdoar perdoador?
Vivedor difícil. Valei-me, meu padrinho!
Pesa a balança que não julga o julgador
Infeliz mente e eu sigo a vida sozinho
Caminhando esse caminho, caminhador





**SUZANE
VEIGA**

SANGUE URBANO

Restou-nos a medula:
Rio de Janeiro e suas vísceras
todas à mostra, enfim
Tomba o corpo de um poema
70% água, 30% medo
a bala atravessada na garganta
as veias abertas da cidade
num coração que ainda pulsa

FAZER DA PALAVRA CASA

é ofício de mulher
construir morada:
verbo sobre verbo
mão sobre mão

da linha sai um verso
rasgando o signo
constrói uma pilastra
e uma fundação

antes que se dê conta
formam-se treliças
estrofes de aço
como devem ser

as vigas são línguas
lambendo sentidos
é áspero e acetinado
o seu revestimento

fazer da palavra casa
onde se mora e se deita
onde se acha e se chora
sem culpa e sem demora

fazer da palavra casa
onde o sonho é possível
onde o abraço é abrigo
e o amor é asa

POEMA PLÁCIDO

colhi uma porção de malmequeres
sem plantar uma só flor de cansaço
sob um sol quente de mil clarices
eu ando, eu-aço, eu asso asso asso

de repente onde chorei mágoas
nasceu um pé de saudade torta
da branca, da roxa e da dobrada
pétalas e pétalas de natureza morta

de repente eu bato na tua porta
bem me quer, mal me quer?
se me queres, se tu queres
meu bem querer, meu bem

bem-te-quero, bem me quer?
bem-me-quero, bem te quis
plantações inteiras, internas
hectares de despedida

de repente malmequeres
ornados de palavras vazias
sejam tudo o que restou
no chão de terra batida



**VAL
SANTOS**

PEDRA

Olho na trilha

Pensamento persistente

mEdo mortificado

Dúvida demonizada

Raiva racionalizada

culpA cristalizada

CASAS-ruas

Não tenho CASA lembrança
Minhas casas foram CASAS-ruas
A culpada, minha mãe
Ela não gostava de uma CASA só
Gostava de muitas
Gostava de ciganear CASAS
Talvez por isso
Tenho gostado de cirandar teto e chão
Não ter CASA que é só coração

POESISTindo

Poesia tem gosto, som, cheiro, sabor
É leve, mas faz diferença
Os ingredientes dão sentido à nossa existência
Poesia é algodão-doce
Suaviza a vida, mas é potente
Sua maciez é pura placidez
É borboleta em cima de uma flor
Ameniza uma dor
Sua voz é acorde musical
Embala os sussurros de amor

II.

Agradeço, meus poetas
Por aguçarem os meus sentidos
Por enfeitarem o meu interior
Por oferecerem palavras bordadas
Agradeço, meus poetas
Colasanti , Leminski, Murray
Conceição, Pessoa, Lucinda ,
Vinícius de Moraes
Agradeço , meu poetas
Akapoeta, Bráulio Bessa
Kaur, Drummond ,
Ryanne, Mosé
E o grande poeta da periferia, Sergio Vaz



V. HUGO



QUEDACIDADE

Queria cantar "Madureira",
o samba de Arlindo Cruz.
Mas a cidade está mortífera,
e nem o batuque seduz.

Fizeram a passagem pelo Cruzeiro.
—Nossa Senhora da Penha, livrai-nos do mal!—
Sacos pretos, um formigueiro
de sonhos virados em lixo colossal.

Pilhas de corpos entulhados.
Cadê a maravilhosa cidade?
O sol que dourava os corpos cansados,
agora, na mesma luz, acelera a decomposição.

O baile funk calou sua fala.
Fumaças negras brotam da quebrada.
O estrondo que ensurdece avisa:
aqui, a vida é coisa arriscada.

Quero de volta a sagacidade
do ritmo que sabe encantar:
"Favela! Tu és meu lar!"

CASA EM NÓS

O sol pela fresta traz o dia,
o café desperta seus aromas pela casa.
A família une vozes num pai-nosso,
enquanto o pão crepita na chapa quente.

No quintal, o carrinho novo risca o cimento,
a festa do batismo sob o céu azul.
Da cozinha, o alho dourado abraça o feijão,
e as onze-horas desabrocham no jardim.

As panelas guardam memórias em cada gota,
as paredes vestem mapas de infância.
O abraço matinal aquece o uniforme,
enquanto beija-flores dançam na varanda.

Os desenhos animados criavam mundos
na TV que encantava nossas tardes.
Até que um voo partiu sem volta,
levando na asa o que não pôde ficar.

No piso que guarda marcas de seus passos,
no teto que testemunhou nossos sonhos,
nessa casa que em mim sempre mora-
mesmo vazia, segue habitada.

PEDRA DE AXÉ

Exu me deu a pedra no terreiro
que Xangô partiu no desfiladeiro
a pedra pétrea que se fez viva
na fumaça sagrada que ascende

No cordão de prata e cobalto
no carvão que guarda o fogo ancestral
fostes forjada na pressão do tempo
carregando axé até minha mão



**VICTOR
RABELLO
AYRES**

HÁ DIAS

em



que

ADIAS

POETICIDADE I

Bato as asas no céu estrelado
Já não sei se a carniça está abaixo
Ou putrefata em meus bicos
Através da sombra macabra
As luzes retangulares acendem e apagam
Já não sei se só com um de meus olhos dou conta
De todos com quem me deparo
Olhar místico de quem jaz no poleiro e
Nas cordilheiras de sua sala
Escuro púrpura faz dos esgotos, das casas,
O asfalto acinzentado sem alma
Grito em forma de guincho toca-me a carne em meio
Aos transeuntes com quem se depara
Nunca-mais é palavra ingrata
Que não tem ressonância num mundo sem aparas

POETICIDADE II

O corvo guincha por cima da cidade
Dónde estás, Lenore
Procura aqui e ali, vê ratos e pombos
Tiros, lixo, pedintes, andróides que
Sonham com ovelhas elétricas
Dónde estás, Lenore
Viraste robô? Obedece às três leis?
Dónde estás, Lenore
Mas o corvo, sempre atento, sente
Sente o cheiro não de carniça, ou da poeira
De carnes e legumes em brasa de uma casa
Verdejante, florida, cheia de vida
Dónde estás, Lenore
Viu humanos rindo, tossindo, gritando
Conversas e guinchos não melancólicos
Lágrimas de quem ri e quem chora em ombro amigo
Like tears in the rain
Quiero que te quieras allí, Lenore



**WILSON
JEQUITIBÁ**



CASA

Casa não tem asa
Apesar de ter em sua própria palavra

Ah! Se todas as casas voassem
Poderíamos morar em qualquer lugar do mundo

Isso
se fronteiras de poder
não existissem

Casa que voa recebe mais passarinhos
vira caverna de morcego
lar do ar

Imagina como deve ser trânsito
de casa no céu

Sempre tive casas que voavam

DIZEM SOBRE PEDRA

Pedra tem em tudo que é lugar
Difícil é encontrar sapateiro

A sapataria é um lugar mágico
onde cada par de sapato
traz imaginações em passos largos
compridos
ofegantes
lentos como lesma

Se você quer conhecer a pessoa
olhe o seu sapato
Dizem alguns sapateiros

Dizem também
para tomar cuidado com as pedras
principalmente as pedrinhas

Pedrinhas no sapato incomodam
antes mesmo de chegar
no meio do caminho

PELE DE COBRA MORTA

Mastiguei a cobra
sem saber que a sua pele
havia ficado pelo caminho,
entre raízes e galhos,
na areia quente do deserto,
seca e sem cor

Para a cobra,
uma tentativa vã
de desprender-se do velho e do tempo



**CULTIVE
FONCHA**

POEMA DE 15 FACES

Era uma vez
Uma boca sedenta da noite
E de dentro da boca surgia
Um grito lancinante
Que reverberou com uma
Foncha em ondas
Levei um caixote
Que me levou a goela
E neste saara líquido
Não me roubarão a voz
E nem me amarrarão em nós
Não se usurpurá os gemidos
As palavras em surdo brotarão
E no fundo da poesia o tecladinho
Notas de sal e cerveja barata

31/10/2025
versos em conjunto no boteco
Pierrot em Copacabana

COLOMBINA

Sob o brilho da lua a encruzilhada
Onde o Pierrot encontra a Colombina assanhada
Entre beijos e poemas
O cheiro de feromônio inesquecível
No céu da boca
Passeava por ali entre germes e variantes
O sabor do amor
Ao som da zabumba
O Pierrot não sabe se dá ou se beija ou se dá ou se beija
Avista o suor da Cerveja
E a Colombina
Não sabe se o devora ou se o deixa

31/10/2025
versos em conjunto no boteco
Pierrot em Copacabana



AGRADECIMENTOS

Esta antologia só foi possível graças ao apoio e à generosidade de quem acreditou na palavra em processo. Nosso agradecimento especial a Luci Collin, Jéssica Iancoski, Mabelly Venson e Marcelle Pontes SESC RJ, SESC COPACABANA, EDITAL DE CULTURAL SESC PULSAR 2024/25, e à Editora Toma Aí Um Poema.

Que a palavra siga viva, compartilhada e em movimento.

1ª EDIÇÃO
FEVEREIRO DE 2026

A
palavra
QUE
está

ALAN PELLEGRINO
AMAURI QUEIROZ
ANA DILAH
AZLIN GUERRA BRISOLA
BIANCA REIS
CACOS MALTA
COELHO DE MORAES
CYRO EDUARDO
DANIELA CASSINELLI
EDUARDO CASTRO
ERNANE CATROLI
FRED DANTAS
GABI LOPES
JANDEILSON GALVÃO BEZERRA
JULIANA CALAFANGE
KELLY DE MARIA
MARIANNA REIS
PABLO KASCHNER
PAULO SÉRGIO KAJAL
PRISCILA IGLESIAS
RAFAEL REIS
RAINE FURTADO
SUZANE VEIGA
VAL SANTOS
V. HUGO
VICTOR RABELLO AYRES
WILSON JEQUITIBÁ

